



JOÃO PINTO DE MARIA: A DRAMÁTICA BIOGRAFIA DE UM LOUCO



JOÃO PINTO DE MARIA: THE DRAMATIC BIOGRAPHY OF A CRAZY

ANA TAMIRES OLIVEIRA

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | A AUTORA
RECEBIDO EM 28/02/2021 • APROVADO EM 24/03/2021

Abstract

João Pinto de Maria - Biografia de um Louco (1974) is one of the most prominent novels by José Alcides Pinto, poet and fiction writer from Ceará. Despite being surrounded by an atmosphere of fantastic, the novel becomes a biography of the character João Pinto de Maria. In this work, we stripped the character João Pinto Maria of the fantastic contours and analyzed him as a simulacrum of the real man, immersed in the drama of identity metamorphosis, supported by studies of A. C. Ciampa (2005), Berger; Luckman (2008), G. Mead (2009), P. Ricoeur (2014) among others, in addition to critical fortune about the work and its author.

Resumo

João Pinto de Maria - Biografia de um Louco (1974) é um dos romances de maior destaque do poeta e ficcionista cearense José Alcides Pinto. Apesar de envolto por uma atmosfera do fantástico, o romance se torna a biografia do personagem João Pinto de Maria. Neste trabalho, despojamos o personagem João Pinto Maria dos contornos fantásticos e o analisamos como um simulacro do homem real, imerso no drama da metamorfose identitária, amparados nos estudos de A. C. Ciampa (2005), Berger e Luckman (2008), G. Mead (2009), P. Ricoeur (2014), entre outros, além de fortuna crítica sobre a obra e o autor.

Entradas para indexação

KEYWORDS: João Pinto de Maria. Metamorphosis. Identity. José Alcides Pinto.

PALAVRAS-CHAVE: João Pinto de Maria. Metamorfose. Identidade. José Alcides Pinto.

Texto integral

1. O DRAMA DA METAMORFOSE IDENTITÁRIA NA CONSTRUÇÃO DO PERSONAGEM JOÃO PINTO DE MARIA

José Alcides Pinto (1923 – 2008) ocupou e ainda ocupa um importante lugar entre os poetas e ficcionistas cearenses. Estreou em 1950 como poeta na **Antologia dos Poetas da Nova Geração**, mas também escreveu romance, conto, novela, teatro, ensaio e algumas miscelâneas. Apesar de fértil poeta e ficcionista, ainda é pouco conhecido no cenário nacional. A escrita alcidiana é composta por temas que perpassam toda a produção literária do autor, de forma a parecer que cada texto é construído sobre as mesmas pedras fundamentais.

No livro **A Face do Enigma: José Alcides Pinto e sua Escritura Literária** (2012), o ensaísta e também poeta Dimas Macedo compreende que a engenharia ficcional do autor “perpassa todo um processo de insanidade, maldição, angústia e delírio existenciais, e de restauração de uma problemática regional, por meio da sua dimensão fantástica, vivencial e alegórica.” (p. 50). Deste modo, os seus personagens são caracterizados pelo extremo desequilíbrio e dúvida que permeia o terreno do fantástico, a oscilação do fantástico de que fala Todorov (1992).

A obra que melhor representa tal pensamento é a **Trilogia da Maldição** (1999) da qual fazem parte os livros: **O Dragão** (1964), **Os Verdes Abutres da Colina** (1974) e **João Pinto de Maria – Biografia de um Louco** (1974). Apesar de ser considerada sua obra prima, usaremos somente o último livro da trilogia para a realização deste estudo; e, mais especificamente, o seu personagem principal.

Neste trabalho, despojamos o personagem João Pinto de Maria dos contornos fantásticos e o tratamos como um simulacro do homem real, como uma amostragem do humano com seus problemas e dramas reais, internos e externos. Tratamos principalmente das questões relativas à construção de identidade-metamorfose do personagem. A expressão “Identidade é metamorfose”, cunhada por Antônio da Costa Ciampa, um dos precursores dos estudos de identidade no Brasil, já inaugura as discussões que pretendemos desenvolver ao longo da construção do texto. Além disso, empreendemos uma rápida e necessária discussão sobre a escrita do autor, porque entendemos que é no processo da escrita que todos os aspectos do texto se correspondem.

Nesse sentido, nos encarregaremos de produzir uma análise literária sobre o personagem principal da obra **João Pinto de Maria – Biografia de um Louco** do escritor José Alcides Pinto, fazendo uso de estudos da psicologia social.

Este é o primeiro trabalho de análise literária sobre as obras de José Alcides Pinto que se encarrega do estudo unicamente dessa obra, considerando não o caráter fantástico da narrativa e do personagem, mas sim preocupado em mostrar a existência de um discurso sobre “identidade”.

1.1 QUEM É JOÃO PINTO DE MARIA?

Neste ponto, temos duas figuras para apresentar e apresentar juntas, porque uma não existe sem a outra. São elas: o personagem João Pinto de Maria (JPM) e a comunidade de Alto dos Angicos de São Francisco do Estreito, que é justamente o espaço narrativo do romance, onde o personagem vive.

João Pinto de Maria é um competente comerciante do ramo de criação de animais que conseguiu construir riqueza por meio de uma vida de labuta e privações. Ele é dono de quase todas as terras da sua comunidade e, apesar de muito próspero, sua riqueza é fruto também de um processo de sofrimento profundo, como descrito na narrativa.

A figura do personagem é marcada pela existência de contradições, pois apesar de possuir muitas reservas de dinheiro, não usufrui delas, nem usa sua condição financeira para obter luxos, por mais que possa. Em determinado trecho do romance, o narrador faz uma descrição completa do personagem, um pouco longa, mas necessária.

João Pinto de Maria era um homem muito estranho, metido com seu trabalho, sua casa, suas obrigações. Um homem diferente de todo mundo. A cabeça curva, a vista caída no caminho, nos pés; a poeira assentada no tecido da fazenda, como verniz; acumulada nas orelhas, no pelo dos braços, na dobra do chapéu-de-palha. A poeira dos caminhos por onde andava – a poeira quente do verão – cobrindo o homem, o vulto do homem só, solitário, conversando sozinho pelos campos, contando o gado, as criações, milho, feijão, o arroz, a farinha de mandioca; pesando na cabeça o algodão, a mamona, a semente de oiticica e o pó da carnaúba ainda na palha (PINTO, 1999, p. 276, grifo nosso).

A todo o momento JPM é dito como o “diferente”. Estranho e muito só, não tem herdeiros, nem proximidade com parentes ou amigos, goza apenas de sua própria companhia. A sua solidão e estranheza são compreensíveis porque João Pinto de Maria viveu muito tempo fora da aldeia, pois trabalhou durante anos na extração da borracha no Amazonas. Ao regressar para sua localidade de origem, Aldeia de Alto dos Angicos de São Francisco do Estreito no Ceará, é visto com bastante desagrado pelos demais moradores da aldeia. Eles não compartilham do mesmo universo simbólico, estão identificados dentro de organizações sociais diferentes, como se fosse visto como um estrangeiro.

A falta de identificação se dá com base no reconhecimento do personagem em relação ao olhar do outro. A forma como os demais personagens enxergam João Pinto de Maria não corresponde à pessoa que ele é de fato, dessa forma, para os moradores da aldeia ele existe justamente pelo que não é. Instala-se um conflito, haja vista que teremos que considerar uma identidade pressuposta para o personagem, a que a comunidade da aldeia atribui a ele, e uma outra identidade, que é a que traz consigo, ou seja, a ideia que João Pinto de Maria (JPM) faz de si mesmo.

Em seu estudo sobre identidade, intitulado **A Estória de Severino e A História da Severina** (2005), Antônio da Costa Ciampa sustenta o pensamento de

que “cada indivíduo encarna as relações sociais, configurando uma identidade pessoal. Uma história de vida. Um projeto de vida. Uma vida-que-nem-sempre-é-vivida no emaranhado das relações sociais” (CIAMPA, 2005, p. 132).

Verificamos, durante a leitura do romance, certa relutância de JPM em se integrar às relações sociais: ele tenta construir sua história de vida com base na solidão, primando sua própria companhia. Essa é uma das fontes dos problemas do personagem, visto que ninguém se constitui sozinho, ele também faz parte de um todo, é um indivíduo social. Na constante busca pelo direito de exercer sua individualidade, “cada biografia deve adquirir uma história única, que possa tanto identificá-lo como uma singularidade dotada de direitos individuais quanto uma universalidade que expressa uma coletividade” (LIMA, 2010, p. 152). Desse modo, no processo de construção de identidade, sempre haverá a necessidade de relacionar mutuamente ‘indivíduo’ e ‘coletividade’ num movimento interativo.

Uma das marcas da singularidade de João Pinto de Maria é a constante imposição do nome do personagem, já que ele faz questão de repeti-lo como uma tentativa de se afirmar, de se impor diante dos outros. A.C. Ciampa (2005) trata da importância do nome como uma forma de afirmação do ser que ora se mostra em desvio, como algo que legitima o indivíduo. Representa a esperança de que o “outro” lhe reconheça e considere o seu direito de individualidade.

JPM tenta se colocar na sociedade pela imposição do nome próprio, ele tem a ânsia de nomear tudo o que é seu, a fim de tornar o ato legítimo. Esse é o mecanismo pelo qual se busca o reconhecimento frente ao ‘outro’. Na narrativa, temos o seguinte trecho que demonstra o aspecto analisado: “Queria soletrar J. P.M. – João Pinto de Maria – pronunciando o nome bem alto, a toda voz, para si mesmo” (PINTO, 1999, p. 278).

De fato, o uso do nome para esse personagem alcidiano funciona como uma etiqueta, algo que usa para confirmar sua existência, um símbolo de si mesmo. Mas não podemos deixar de considerar que o nome não abarca a identidade do ser, é apenas um traço dela, e sempre teremos que juntar a isso a ideia de afirmação pelo olhar do outro. Se a identidade é construída na interação com o outro, um processo que se constitui mutuamente, então “un si mismo sólo puede surgir cuando hay un proceso social dentro del cual se inicia el sí mismo. Dentro de esse processo son esenciales la comunicacion y la participación” (MEAD, 2009, p.125). Como JPM não partilha desses aspectos essenciais de “comunicação e participação” com os demais moradores da aldeia de Alto dos Angicos, então será visto como um ser “desviante”, conforme trataremos mais adiante.

1.2 O EMPREENDEDOR MORAL DE JOÃO PINTO DE MARIA

O narrador alcidiano contrasta a todo o momento a pobreza dos moradores com a fortuna de João Pinto de Maria. Para padre Tibúrcio, ele é indigno de qualquer graça divina por ser um rico que não pratica caridade e não reparte o que tem com os conterrâneos. O padre classifica como “usura” as atitudes do personagem. Tal classificação faz com que ele seja um indesejado na aldeia, tendo em vista que os fiéis acatam as palavras do seu pastor. Desse modo, o personagem padre Tibúrcio

representa o que Howard Becker (2009) chama de “Empreendedor Moral”. Os empreendedores morais são os criadores das condições que fazem com que um indivíduo seja considerado desviante.

Ora, padre Tibúrcio, enquanto um empreendedor moral está interessado no conteúdo das regras. As regras existentes não o satisfazem porque há algum mal que o perturba profundamente em relação a João Pinto de Maria. Ele julga que nada pode estar certo no mundo, no espaço onde ele exerce papel de autoridade, até que ele próprio estipule regras para conduta dos demais personagens naquele espaço.

O padre entende que os comportamentos de João Pinto de Maria fogem do que considera bom, e constantemente interpreta que o personagem está ligado a um mal grave que deve ser combatido de todas as formas, mesmo que para isso tenha que humilhar e reduzir a pessoa de JPM a nada. Na sua “batalha” contra quem considera ruim, o padre chega a ser “[...] fervoroso e probo, muitas vezes hipócrita” (BECKER, 2009, p. 153).

A hipocrisia do personagem Pe. Tibúrcio se instala através do tratamento que dedica a JPM. Para o padre, ele é um pecador, usurário e “afilhado do diabo”. Esse discurso depreciativo é motivado por um fato muito simples: o padre sempre teve pretensão de partilhar da riqueza de JPM e não obteve sucesso. O Pe. não tem interesse na salvação da alma de João Pinto de Maria, a caridade que cobra do personagem principal é para seu próprio benefício. No romance, temos o seguinte trecho: “Agora Padre Tibúrcio achava de dizer que a usura era um grande pecado: que João Pinto de Maria deveria dar esmolas, auxílio aos necessitados. [...] devia dar o que era seu para os outros, como se o que possuísse fosse do governo” (PINTO, 1999, p. 296).

Na cabeça do personagem Pe. Tibúrcio “os necessitados” seriam, na realidade, a sua igreja e sua própria pessoa, de modo que ele apenas maquiava o discurso com uma consciência coletiva que não tinha. Os demais moradores internalizam o discurso do padre e repercutem essa necessidade de partilhar da fortuna de JPM, afirmando que tinham esse direito e que era um pecado (carregado da ideia de maldade) que ele não compartilhasse com o “próximo”.

A perpetuação desse discurso pelo povoado também ganha seu contorno de hipocrisia. O narrador revela que os moradores passam necessidade porque têm preguiça para o trabalho e os classifica como “um bando de murrinhas, apodrecendo de preguiça [...]” (PINTO, 1999, p. 292). Sobre as acusações de Pe. Tibúrcio, diz JPM:

[..] que o padre é um homem como qualquer outro, e, na maioria das vezes sujeito até os erros e injustiças, que muitas pessoas não se permitem. Que padre Tibúrcio e a comunidade do povoado – quase toda constituída de seus familiares – fizessem dele o juízo que fizessem, só respeitava o julgamento de Deus e nada mais. Ninguém tinha o direito de julgar seu semelhante (PINTO, 1999, p.276).

João Pinto de Maria será sempre aquele que está fora da norma social na aldeia, o elemento estranho para seus patrícios, o que não se mistura, o que está sendo olhado e julgado por mostrar uma identidade que não corresponde à ideia

coletiva que a comunidade faz dele. Deste modo, podemos classificá-lo como “Outsider”, ou seja, o que não se encaixa na regra pré-estabelecida do meio social onde vive. Ele é o que está fora da norma ditada pelo empreendedor moral, representado pelo Pe. Tibúrcio. É importante considerarmos que é a sociedade quem cria o desvio e os seus desviantes. Berger deixa bem claro que os “[...] grupos sociais criam desvio ao fazer as regras cuja infração constituem desvio, e ao aplicar essas regras a pessoas particulares e rotulá-las como outsiders” (BECKER, 2008, p.22), isto é, o que caracteriza o desvio é a resposta de terceiros às ações de um primeiro.

Com a sua convivência na comunidade, o olhar do “outro” sobre ele constrói uma segunda imagem totalmente diferente da imagem que o próprio personagem faz de si e da que o narrador nos mostra, pois a narração demonstra que João Pinto de Maria é um homem justo, trabalhador e sofredor de injustiças (PINTO, 1999). Qual das duas imagens impera?

Notamos que a violência, presente na linguagem no discurso do padre e dos moradores da aldeia, começa a adentrar na mente do personagem principal. Essa incorporação do discurso o minimiza como homem, o maltrata. Percebemos que o personagem começa a incorporar os símbolos que o universo da aldeia oferece para ele, no sentido de ressignificar sua própria existência, destituindo aspectos importantes de sua personalidade.

A comunidade se torna, para o personagem principal, aquilo que G. Mead (2010) chama de o “outro generalizado”, nesse sentido, o outro é a comunidade inteira, o grupo social em que o indivíduo constitui a unidade do seu “self”, de si mesmo. A comunidade da aldeia de Alto dos Angicos de São Francisco do Estreito é esse “outro Generalizado” porque nela encontramos uma tentativa constante de absorver o personagem de João Pinto para si, de oferecer significados novos a ele, modificando o “eu”.

Nesta aldeia há uma forte caracterização de religiosidade supersticiosa, típica de cidades do interior. Todas as personagens da obra prestam culto à divindade cristã-católica, subordinados ao discurso dessa instituição através do personagem de Padre Tibúrcio, de forma tal que as investidas dos demais personagens e de Pe. Tibúrcio contra João Pinto de Maria são de natureza religiosa, envolvendo a ideia de que JPM sofreria castigos divinos por ser quem era.

A partir de então, começamos a perceber uma mudança muito forte no personagem, pois começa a se deixar influenciar pelo discurso de sua comunidade. Notamos que, no decorrer do romance, existe esse movimento de mudança de identidade do personagem principal evidenciado por uma espécie de “construção, reconstrução e desconstrução constantes, no dia a dia do convívio social, na multiplicidade de experiências vividas” (KOLYMAK; CIAMPA, 1994, p.9), considerando que a identidade é o resultado da implicação dialética da relação indivíduo-sociedade, em colaboração mútua. Ou seja,

As pessoas agem, como principalmente Mead e Blumer deixaram claro, juntas. Elas fazem o que fazem com o olho no que as outras fizeram, estão fazendo e podem fazer no futuro. Uma pessoa tenta adequar sua própria linha de ação às ações de outras, assim como cada uma delas ajustam suas próprias ações sem desenvolvimento

ao que vê outras fazendo e espera que façam (BECKER, 2008, p. 187).

Ao passo que o personagem principal começa a incorporar esses olhares, percebemos uma aproximação dos universos simbólicos. Eles vão se ressignificando e se misturando e começamos a notar que “a identidade é fundamentalmente legitimada pela colocação dela no contexto de um universo simbólico” (BERGER; LUCKMANN, 2012, p. 137). Verificamos a incorporação do novo contexto simbólico de JPM no trecho do romance em que mostra o personagem

Batendo no peito com a mão aberta, com todas as suas forças, pedindo perdão a Deus pelos seus pecados, dos pecados de ser justo e não dar o que era seu, ajoelhado sobre o chapéu de palha, na calçada da igreja, assistindo à missa aos domingos, as calças remendadas nos fundos, como a dos mendigos (PINTO, 1999, p. 297).

O processo de transformação de JPM se acentua nessa citação. O que acontece com o personagem é um colapso, ele se retrai e acaba apreendido no mundo único dele. Uma linha tênue separa o personagem do seu novo ser e ela é quebrada no momento em que Pe. Tibúrcio faz uma última investida sobre o personagem, demonstrada no trecho seguinte: “João Pinto de Maria – gritou o vigário quando o avistou de pé no limiar da porta – você, seu miserável é culpado também por tudo que aconteceu agora no Alto” (PINTO, 1999, p. 333).

O padre está fazendo referência à queda da torre da igreja enquanto ocorre a procissão do Senhor Morto, tradição católica realizada durante os dias conhecidos como semana santa. A culpa de um acontecimento natural é transferida para sobre João Pinto de Maria, já bastante desgastado e humilhado pelo tratamento que recebe de todos (PINTO, 1999). Essa cena significa o limite suportável para o personagem. O narrador revela que é um momento de bastante humilhação para ele, seu ser entra em crise e sofre um trauma profundo, o que acarreta o que chamaremos aqui de “metamorfose de identidade”, tendo em vista que o resultado desse trauma é a transformação de João Pinto de Maria em um “outro”.

O momento dessa transformação é narrado como um acontecimento bastante intrigante e até mesmo chocante:

João Pinto de Maria ajoelhou-se humildemente no meio do templo, diante de todos e persignou-se. [...] a multidão entrou a chorar, diante de tanta humildade e tanta fé em Deus, que o usuário demonstrou possuir, fé, que se confundia ao mesmo tempo com obediência e temor; até o padre arrancou o lenço da batina, emocionado, para enxugar as lágrimas, porque João Pinto de Maria tinha agora no semblante o ar de um profeta ou de um louco (PINTO, 1999, p. 334).

A citação acima mostra a aparente fusão dos universos. A comunidade, agora, o reconhece como parte integrante dela, mas o personagem não retoma mais a vida normal que levava, não é mais a mesma pessoa. João Pinto de Maria enlouqueceu e o outro em que ele se transformou foi justamente o que a comunidade queria, mas lhe custou sua saúde mental.

No livro **A Estória de Severino e a História de Severina** (2005), Ciampa fala que esse traço estático de identidade é o que caracteriza a metamorfose. Deste modo, entendemos que João Pinto de Maria, no centro desse processo, “[...] caminha para a morte, simbólica ou biológica. A loucura, neste sentido, se trata a loucura como “o esforço de criação de um novo universo – louco porque singular e não compartilhado – consequentemente fuga de uma realidade: a realidade cotidiana” (CIAMPA, 2005, p. 157). A loucura como bem sucedida é morte para a vida. João Pinto de Maria morreu para seu “eu” de outrora, vive agora apenas com seu outro eu, sua personalidade se metamorfoseou e evoluiu para a loucura.

2 SOBRE JOSÉ ALCIDES PINTO: SUA ESCRITA E PERSONAGENS

Ao longo desta análise, falamos bastante sobre a linguagem que sustenta os universos simbólicos da narrativa de José Alcides Pinto em **João Pinto de Maria - Biografia de um Louco**. Como estamos trabalhando com uma obra literária, podemos encarar a linguagem como as escolhas estilísticas na escrita do autor, enquanto o universo simbólico está sempre desenvolvido no enredo, visto que é nele que os espaços e as personagens tomam vida. Nesta seção, optamos por fazer uma breve discussão sobre a escrita de José Alcides Pinto.

Através dessa demonstração do estilo do autor, o leitor saberá que a única identidade possível para João Pinto de Maria é a que passa pela “Metamorfose”. É quase unanimidade entre a crítica que José Alcides Pinto era “um escritor severo para com as personagens, também para com a própria linguagem que se apresenta castigada, vergastante e vergastada para o leitor – como se as palavras estivessem sempre aquém do pretendido, constituindo-se na própria linguagem [...]” (MELLO, 2003, p.385).

A produção literária do autor é perpassada por essa severidade, desde os seus primeiros poemas que aparecem na **Antologia dos Poetas da Nova Geração** (1950), **Antologia A Moderna Poesia Brasileira** (1951) e **Noções de Poesia e Arte** (1952) que foram os primeiros textos publicados por José Alcides Pinto. Desde então, esses aspectos vão se acentuando e sendo mais apurados no decorrer das demais publicações do autor.

O homem e escritor José Alcides Pinto sempre foi muito exigente consigo mesmo. Como não cansava de afirmar em entrevistas concedidas aos jornais e revistas, retirava de sua própria vida, de suas duras experiências, o “pano de fundo” para suas obras. Não se trata, entretanto, de uma expressão da vida do autor, mas de uma matéria literária que, aos poucos, no labor da escrita, vai se despidendo de qualquer atmosfera real e se veste de conteúdo ficcional, puramente literatura.

Na construção de **João Pinto de Maria – Biografia de um Louco** (1974), notamos a incorporação dos recursos de linguagem na construção do universo simbólico da narrativa, tais recursos acabam por singularizar o espaço ficcional alcidiano. A metáfora é um dos recursos mais utilizados, fazendo com que os personagens estejam intrinsecamente relacionados aos símbolos postos na narrativa, de modo é impossível dissociar personagens do seu espaço. Eles se correspondem “através de sua linguagem (nas metáforas do texto, nos personagens que encarnam qualidades abstratas, na organização de cena)” (BENJAMIN, 1984, p. 38).

Dessa forma, é importante salientar a importância da cuidadosa construção do enredo para a qualidade que é emprestada aos personagens, haja vista que, como diz o filósofo francês Paul Ricoeur: “a personagem [...] é composta em enredo” (RICOEUR, 2014, p.149). Tudo se interliga através da escrita.

Em **João Pinto de Maria – Biografia de um Louco**, o enredo é tecido na órbita do personagem João Pinto de Maria e ambos se tornam interdependentes. Toda a narrativa tem esse duplo movimento: constrói no momento em que também é construída, se completam. Pois

É na história narrada, com seus caracteres de unidade, articulação interna e completude, conferidos pela operação de composição do enredo, que a personagem conserva ao longo de toda a história uma identidade correlativa à da própria história (RICOEUR, 2010, p.149).

Não é por acaso que o livro tem o propósito de ser uma biografia do personagem João Pinto de Maria, relatando o caminho da sua metamorfose identitária através da loucura, afinal, trata-se da “biografia de um louco”. Assim, vimos que a narrativa não só molda o personagem como é ele próprio.

O autor se vale de objetos, imagens, para ressignificar a natureza das coisas, tecendo cada traço caracterizador do espaço. Nas mãos de José Alcides Pinto, nós vemos a pintura de todas as nuances de sua estilística preocupada com a verdade do texto, mesmo que de ficção. E João Pinto de Maria tem uma transformação para a loucura porque é a identidade mais verossímil que se pode construir por meio de uma linguagem que é “áspera, agressiva e brutal”, para citar Clímaco Bezerra (2006).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste estudo mostrou, ainda que modestamente, o arsenal de possibilidades interpretativas que as obras de José Alcides Pinto oferecem. Embora sua obra esteja sendo mais lida, mais estudada e mais debatida em perfis literários de redes sociais, cabe também à academia o papel de redescobrir a literatura desse escritor em âmbito nacional. Esperamos, então, ter alcançado o objetivo proposto no início.

Compreendemos a dificuldade de aplicar uma teoria do contexto da psicologia social para uma obra literária de ficção. Mas a literatura nos oferece simulacros da realidade: se pensarmos na **Poética** de Aristóteles, temos a literatura como mimésis, uma imitação do real. Logo, temos todos os processos sociais e humanos vivos e latentes no texto literário.

A identidade-metamorfose de João Pinto de Maria vinculada à loucura é uma tônica marcante de outras obras do autor, desenvolvida em temáticas muito bem urdidas no interior do texto. Outros tantos estudos são necessários para chegarmos a um panorama de identidades literárias na escritura de José Alcides Pinto.

Cada vez se faz mais necessário a produção e o resgate dos autores brasileiros de menor expressão, que trazem em seus textos os traços de uma literatura universalizante. Com este trabalho, está dado o pontapé inicial nos estudos de identidade nas obras de José Alcides Pinto, mas ainda há muito para ser feito.

Referências

BECKER, Howard Saul. **Outsiders: Estudos de sociologia do desvio**. Trad. Maria Luiza X. de Borges; revisão técnica Karina Kuschnir. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BENJAMIN, Walter. **A Origem do Drama Barroco Alemão**. Editora Brasiliense, 1984.

BERGER, P. L.; LUCKMAN, T. **A Construção Social da Realidade**: Tratado da sociologia do conhecimento. 23^o ed. Petrópoles: Editora Vozes, 2003.

BEZERRA, Clímaco João. Convite quase prefácio. In: MARTINS, Floriano. **Fúrias do Oráculo (Uma Antologia Crítica da Obra de José Alcides Pinto)**. Fortaleza: Casa de José de Alencar/ Programa Editorial, 1996.

CIAMPA, Antonio da Costa. **A Estória de Severino e a História da Severina**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

RICOEUR, Paul. **O Si Mesmo como Outro**. Trad. Ivone C. Benedetti. 1^oed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

PINTO, José Alcides. João Pinto de Maria – Biografia de um louco. In: **Trilogia da Maldição**. Rio de Janeiro: Topbooks Editora, 1999, p. 269-345.

MACEDO, Dimas. **A Face do Enigma: José Alcides Pinto e sua escritura literária**. 2^oed. Fortaleza: Imprece Editora, 2012.

MEAD, George H. **Escritos Políticos y Filosóficos**. 1^o ed. Buenos Aires: Fundo de Cultura Económica, 2009.

MEAD, George H. **Mente, Self e Sociedade**. São Paulo: Edeias e Letras, 2010.

MELLO, Virgínius de Gama. **O Dragão**. In: PINTO, J. A. Poemas Escolhidos V.II. São Paulo: Editora GDR, 2006. 385-386.

LIMA, Aluísio Ferreira de Lima. **Metamorfose, Anamorfose e Reconhecimento Perverso: A identidade na perspectiva da psicologia social**. São Paulo: FAPESP, EDUC, 2010.

SEFRIN, André. **Um Romancista a ser Redescoberto**. In: Poemas Escolhidos. Rio de Janeiro: Editora GDR, 2003, p. 305-307.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à Literatura Fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 1992.

Para citar este artigo

SOLIVEIRA, A. T. João Pinto de Maria: a dramática biografia de um louco. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 10, n. 4, 2021, p. 286-296.

A Autora

ANA TAMARES OLIVEIRA é mestra em Literatura Comparada pelo PPGL da Universidade Federal Ceará. Desenvolve pesquisa sobre a obra do escritor cearense José Alcides Pinto, além de estudar os aspectos do Fantástico e da Memória na literatura. Atualmente administra o canal dedicado à literatura no Telegram chamado "O Literário" e o blog "Território Alcidiano" que trata da vida e da obra do escritor José Alcides Pinto.